# A identificação com o sintoma[1]

Sidi Askofaré

Lacan sempre valorizou a finalidade de seu ensino. Qual é essa finalidade? A formação de analistas. Ora, desde o debate que opôs Freud a Ferenczi, a questão da formação de analistas recobre, invariavelmente, a do fim da análise, a questão de sua finitude e a de sua finalidade.

Como a maioria dos teóricos e clínicos prestigiados, cujos nomes marcaram a história da psicanálise, Lacan participou desse debate. Mais do que ninguém, contribuiu para renovar e enriquecer sua problemática. Talvez, entre todos, apenas ele tenha situado o fim da análise no coração de seu ensino, atando-o, por assim dizer, doutrinal, clínica e institucionalmente à formação de analistas, o que atesta seu "passe", a um só tempo momento clínico, conceito de passagem a analista e dispositivo de recolhimento e elaboração de testemunho.

Que a questão do fim da análise tenha estado, desde o início e no centro de seu ensino, sem dúvida explica que tenha conhecido diversos tratamentos, diferentes coordenadas, uma série de deslocamentos em função de sua experiência de "didata" e do que ele pôde teorizar sobre isso. No presente trabalho, tentarei elucidar o que se convenciona ser a fórmula de Lacan sobre o fim da análise, a que condensa a última parte de sua doutrina sobre este problema: a *identificação com o sintoma.*

Em seu notável trabalho chamado *Justesse et insuffisance de la fin selon Balint* [2], Sol Aparicio explorou a questão do fim da análise segundo esta figura maior do pós-freudismo que foi Balint, aliás, referência e interlocutor de Lacan sobre tal questão. A concepção de Balint, sabemos, cristalizou-se em uma fórmula que a fez sobressair: *a identificação com o analista.* Conhecendo o destino que pôde ter a expressão identificação com o analista no ensino de Lacan, seríamos tentados a ler na fórmula lacaniana de identificação com o sintoma a última pontuação de seu desacordo com Balint. Essa hipótese não é falsa, mas é redutora e se situa aquém da potência e do alcance do que Lacan introduziu com ela. Pode-se preferir a essa hipótese uma outra: além de Balint, o debate que opõe Lacan a Freud!

[1] Este texto é uma versão modificada do trabalho apresentado no *Seminário Concepções do fim da análise*, da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (França), em 25 de março de 2004, em Paris.

[2] Aparicio. Justesse et insuffisance de la fin selon Balint (2004).

1

Por quê? Porque, ao levar em consideração as coordenadas da enunciação dessa tese, percebe-se, com bastante clareza, que a referência a Balint vem de maneira quase associativa, metonímica, na aula de 16 de novembro de 1976.[3] Ela se situa entre duas afirmações fundamentais de Lacan que são muito esclarecedoras da questão que nos ocupa.

A primeira afirmação diz respeito ao projeto, à visada teórica de seu vigésimo quarto *Seminário*: "Este ano, digamos que com este o que não-se-sabe, que é parte de um equívoco, tentei introduzir algo que vai além do inconsciente"[4]. A crítica da topologia freudiana interior-exterior, do endopsíquico e o retorno ao conceito de identificação procedem desse projeto.

A segunda afirmação ocorre justamente após a recusa da concepção do fim da análise pela "identificação com o analista". Cito novamente Lacan: "Com o que, pois, a gente se identifica no fim da análise? Identificar-se-ia com seu inconsciente? É o que não creio, porque o inconsciente permanece [...] o Outro. [...] É do Outro [*Autre*] com A maiúsculo que se trata no inconsciente".

É, portanto, após a formulação de um projeto de ir além do inconsciente e rejeitar as duas concepções do fim da análise – o fim pela identificação com o analista e o fim pela identificação com o inconsciente – que Lacan enuncia o que nos ocupa neste artigo.

Lembremos esta passagem: "Então, em que consiste esse balizamento que é a análise? Seria, ou não, identificar-se, tomando cuidado de garantir uma espécie de distância, com seu sintoma?" Essa fórmula, que é quase un *hapax* – Lacan a retoma, de maneira indireta, pelo que sabemos, apenas na *Abertura da Seção Clínica*[5] –, tornou-se, para o grande número de alunos ou leitores de Lacan, sua última concepção do fim da análise. Só se pode ficar impressionado pela "obscura clareza" desta fórmula.

Ora, de todas as fórmulas forjadas por ele sobre o fim da análise, essa é a que parece a mais "freudianamente correta". Com a *identificação* de uma parte e o *sintoma* de outra, temos o sentimento de estar em terreno conhecido. Sua associação, no entanto, não deixa de aturdir, de fazer enigma. A opacidade dessa fórmula – lembremos, aliás, que *opacidade* é um termo que Lacan utiliza justamente a respeito do gozo do sintoma – pode ser penetrada, sob sua aparente simplicidade? Deixemos essa questão à sua indeterminação e adotemos a hipótese – e cabe

[3] Lacan. *Le Séminaire 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977), (Inédito, aula de 16 de novembro de 1976).

[4] N. do T. Esta e as demais citações do *O Seminário 24* foram traduzidas por Jairo Gerbase. Disponível em: http://www.campopsicanalítico.com.br

[5] Lacan. Ouverture de la Section Clinique (1977, p. 7-14).

a nós tentar estabelecê-la – que essa fórmula é o resultado, o precipitado de uma série de remanejamentos doutrinários que devemos interligar entre si, se quisermos apreender o alcance do que Lacan introduz com o "identificar-se com seu sintoma".

Vamos tentar também, em um primeiro tempo, juntar alguns elementos que nos permitirão uma aproximação e uma tomada de perspectiva dessa concepção do fim de análise e, eventualmente, verificar suas conseqüências para o discurso analítico.

## 2

Comecemos por algumas observações de ordem geral.

Nossa primeira observação servirá para ressaltar que, em 1964, quando Lacan trata de estabelecer os fundamentos da psicanálise, de retomar seus conceitos fundamentais, ele retém apenas quatro. Isso constitui uma redução drástica em relação a Freud, que via ao menos uma dúzia.[6] A navalha de Occam do estruturalismo passou por aí. Conhecemos os eleitos*: inconsciente, repetição, transferência* e *pulsão*. Não figuram entre esses conceitos fundamentais, portanto, nem a *identificação*, nem o *sintoma*, e nem mesmo a *fantasia*, ou seja, nenhuma das grandes noções com as quais Lacan tentou situar, referir, teorizar o fim da análise.

[6] Sobre esse ponto ver o *avant-propos* dos tradutores de Freud. *Métapsychologie* (1968, p. 8).

Mas a essa constatação se pode opor uma outra que a relativiza. No fim de seu ensino, Lacan retomou certos conceitos freudianos e os submeteu severamente à prova do nó borromeano. Paradoxalmente, não são os conceitos considerados até então fundamentais que serão o objeto dessa retomada e desse reexame. Trata-se, de um lado, da *inibição*, do *sintoma* e da *angústia* – para seguir a ordem freudiana – e, do outro, da *identificação*.

O *Seminário – livro 22: R.S.I.* e aquele dedicado a Joyce, o *Seminário – livro 23: O sinthoma*, já tinham atribuído um lugar de escolha ao sintoma como função de ex-sistência do inconsciente, função de nó de três consistências e função de gozo do inconsciente. A identificação tem o privilégio de uma terceira, até mesmo quarta retomada e reelaboração, depois daquelas do estádio do espelho, do *Seminário* epônimo de 1961-1962 e do *Seminário – livro 22: R.S.I.,* que faz aparecer sua versão borromeana. Veremos adiante que Lacan, com a identificação do *falasser* com seu sintoma no fim da análise, acrescenta um tipo inédito às três identificações freudianas de *Psicologia das massas e análise do eu*.

Nossa segunda observação será sobre a diversidade das concepções do fim da análise em Lacan, que sem dúvida explorou o fim da análise, segundo diversas perspectivas não

facilmente articuláveis entre si. Pode-se distinguir, mais simplesmente, um fim *terapêutico*, um fim *pragmático* e um fim *didático*. Será preciso, igualmente, tê-los totalmente heterogêneos, hierarquizá-los ou considerar o último necessariamente mais justo ou mais "verdadeiro" que os precedentes? Não se trataria do aprofundamento da mesma doutrina e de tentativas renovadas para cercar um mesmo real, por intermédio da diversidade e das contingências da experiência?

Irei me ater apenas às quatro grandes concepções do fim de análise que podem ser recenseadas no ensino de Lacan: *fim pelo desejo*: sua interpretação e seu reconhecimento; *fim pela fantasia*: sua construção e sua travessia; *fim pela transferência*: sua resolução convertida em neurose de transferência, destituição do analista como sujeito suposto saber e sua resolução convertida em separação do analista, de *a* como objeto de rejeição; e *fim pelo sintoma*: identificação com o sintoma/*sinthoma* e/ou saber, dar-se conta de por que se tem esses *sinthomas*. Atendo-se apenas a essas quatro concepções, parece impensável considerá-las excludentes umas em relação às outras. É possível estabelecer, sem grande dificuldade, sua interdependência, tal qual uma convoca as demais. Como conceber a fantasia sem o desejo ou, inversamente, a saída da transferência sem o balizamento feito pelo sujeito de sua posição de objeto no desejo do Outro, a identificação com o sintoma sem a travessia da fantasia?

Nossa terceira observação, enfim, servirá para situar o problema das concepções lacanianas em relação a Freud. Para dizer a verdade, é possível distinguir três sistemas de oposição, se assim posso me exprimir: 1) um Lacan com e contra Freud; 2) um Lacan contra os – ou certos – pós-freudianos; 3) um Lacan contra Lacan.

Para a clareza deste trabalho, retenhamos, no momento, apenas o "Lacan com e contra Freud". Das diferentes concepções ou versões do fim, diremos que somente o fim pela resolução da transferência e o fim pela identificação com o sintoma parecem se situar no filão freudiano. Esses fins, no entanto, são fortemente dessemelhantes. Sua diferença tem a ver, entre outras coisas, com o fato de que o fim pela resolução da transferência (aquele relativo à neurose de transferência) foi não somente percebido, como também tematizado e elaborado na psicanálise desde Freud. O fim pela identificação com o sintoma é freudiano apenas em um único ponto: ratifica a constatação de Freud de que, no fim de uma análise, há o incurável. Só que ele não parece situar esse incurável no mesmo ponto que Lacan. De fato, Freud não somente visava ao e acreditava no desaparecimento

dos sintomas pelo tratamento analítico, como também fazia da capacidade de não formar novos sintomas o próprio critério da cura pela psicanálise – ver o que ele diz, por exemplo, nas *Conferências introdutórias à psicanálise*, apesar de o que ele introduz com o título de *reação terapêutica negativa*, no que concerne a esse ponto, deslocar um pouco tal concepção.

Terminemos essas observações com isto: de muitos modos, não se pode, portanto, deixar de ficar surpreso, siderado pela expressão paradoxal "identificar-se com seu sintoma". Por quê? Porque, de um lado – e a apresentação da psicanálise pelos psicanalistas não se opõe a isso –, é comumente esperado que ela decifre, interprete e dissolva os sintomas, e, de outro, porque se tende a pensar que a operação analítica desfaz as identificações, alivia e até mesmo liberta o sujeito da identificação com os significantes mestres de sua história. Não é isso, aliás, o que o próprio Lacan nos dá a ler com a escrita que propôs para o "discurso do analista"?

Parece-nos que estas razões bastam para que valha a pena tentar circunscrever, adiante, o que consiste essa enigmática expressão "identificação com o sintoma".

## 3

Como primeira aproximação, primeira tentativa de situar a novidade e o decisivo da identificação com o sintoma, busquemos opô-la não à identificação com o analista – tão conhecida e tão zombada –, e sim com o final da análise pelo *amor ao sintoma*.

Não se trata, evidentemente, nem de um gracejo, nem de uma especulação baseada na célebre oposição freudiana entre identificação e escolha de objeto, identificação e amor, ser e ter. De que se trata então?

Foi em 1958, em seu seminário dedicado às estruturas freudianas das formações do inconsciente[7], que Lacan focalizou, pela primeira vez ao que saibamos, e mesmo que tenha sido para criticá-la e recusá-la, uma saída pelo sintoma. No fim desse seminário, Lacan examina três artigos de Maurice Bouvet e, em particular, sua observação sobre um caso de neurose obsessiva feminina. Trata-se do caso apresentado no artigo *Incidences thérapeutiques de la prise de conscience de l'envie du pénis dans la névrose obsessionnelle*, de 1950.[8]

Não é o caso, evidentemente, de retomar esse texto, cujo comentário de Lacan se estende por três lições de seu *Seminário*. Basta evocar os sintomas de entrada, a crítica da direção do tra-

[7] Lacan. *Le Séminaire – livre 5: Les formations de l'inconscient* (1957-1958/1998).

[8] Bouvet. *Oeuvre psychanalytique* (1968).

tamento de Bouvet feita por Lacan e, sobretudo, o julgamento que enuncia quanto ao modo de saída.

Trata-se de uma senhora de cinqüenta anos, mãe de duas crianças, e que é paramédica. Ela o consulta em razão de sintomas obsessivos – obsessão de envenenamento, de infanticídio e, principalmente, de ter contraído sífilis, associada a uma "proibição referente ao casamento de seus filhos"[9]. Acompanhando o relato de Bouvet, Lacan insiste sobre as obsessões de tema religioso, as frases blasfematórias que se impõem ao sujeito, em evidente contradição com suas convicções religiosas cristãs. Um dos fenômenos mais marcantes de sua neurose trata da presença de Cristo na hóstia e se articula assim: "No lugar da hóstia, ela vê na imaginação órgãos genitais masculinos, sem que se trate de fenômenos alucinatórios"[10]. Segundo Lacan, enquanto o Cristo é o Verbo, "a totalidade do Verbo", substitui-se a ele nesse sintoma o falo, "o significante privilegiado, único, na medida em que designa o efeito do significante como tal sobre o significado"[11].

Do material produzido, retenhamos o que converge para a significação do falo no tratamento: o sonho em que a paciente esmaga, aos pontapés, a cabeça do Cristo – não sem notar que essa cabeça se parece com a de seu analista – no cenário que ela enuncia no texto associativo. Ela própria lembra: "Toda manhã, a caminho do trabalho, passo em frente a uma loja funerária onde há quatro cristos expostos. Ao olhá-los, tenho a sensação de estar andando sobre o pênis deles. Experimento uma espécie de prazer agudo e angústia"[12]. Acrescentamos que suas reprovações a respeito do analista se cristalizam em um novo sintoma: a impossibilidade de comprar sapatos, cujo valor fálico é evidente, e que no sonho, aliás, serviram para esmagar a cabeça do Cristo.

Enfim, as intervenções de Bouvet, orientadas no sentido de sugerir ao sujeito que, para ele, trata-se de um desejo de posse do falo, do desejo de ser um homem, conduzirão a analisante à seguinte réplica: "Quando estou bem vestida [entenda-se, com sapatos bonitos, acrescenta Lacan], os homens me desejam, e eu digo a mim mesma, com uma alegria muito real: olhe só para eles, não vão ganhar nem para o café. Fico contente em imaginar que eles possam sofrer com isso"[13].

O que fez Bouvet, segundo Lacan? Ele orientou toda a análise para a suposição de que a paciente quer ser um homem. Até o fim, ela não estava inteiramente convencida disso, o que não impede Lacan de acentuar que, ainda assim, é verdade que a posse ou não desse falo encontrou aí seu apaziguamento.

[9] As citações se referem à tradução do *Seminário – livro 5* (1957-1958/1999, p. 461).

[10] *Ibid.*, p. 462.

[11] *Ibid.*

[12] *Ibid.*, p. 463.

[13] *Ibid.*, p. 463-4.

Trata-se, todavia, de um apaziguamento que não deixa resolvido o essencial, a saber, a significação do falo como significante do desejo.

Que direção do tratamento teria podido conduzir a essa resolução? Lacan propõe a seguinte:

> O que é preciso levá-lo a ver no tratamento é que não é em si mesmo que o homem é objeto desse desejo, que o homem é tão pouco o falo quanto a mulher, enquanto o que gera sua agressividade contra o marido como homem [...] é ela considerar que ele é, não estou dizendo que ele tenha, mas que ele é o falo, e é nessa condição que ele é seu rival e que suas relações com ele são marcadas pelo signo da destruição obsessiva.
>
> Segundo a forma essencial da economia obsessiva, esse desejo de destruição volta-se contra ela. O objetivo do tratamento é fazê-la observar *que tu mesma és aquilo que queres destruir, na medida em que também queres ser o falo.*[14]

[14] *Ibid.*, p. 466 (grifos nossos).

Ainda segundo Lacan, Bouvet orienta as coisas de outra forma. Ele substitui o tu "*és aquilo que queres destruir* por um desejo de destruição do falo do analista, captado em fantasias improváveis e fugazes. *Queres destruir meu falo de analista* diz o analista, *e eu, de minha parte, o dou a ti.* Em outras palavras, a análise inteira é toda concebida como o fato de que o analista doa fantasmaticamente o falo, consente com um desejo de posse fálica"[15].

[15] *Ibid.*, p. 466-7 (grifos nossos).

Ora, não é disso que se trata. E Lacan vê a prova desse equívoco no resultado do tratamento, tal como o próprio Bouvet testemunha, a saber, "que, no ponto quase terminal a que parece ter sido levada a análise, é dito que a paciente conserva todas as suas obsessões, exceto pelo fato de que já não se angustia com elas. Todas foram ratificadas pela análise e se bloqueiam. O fato de continuarem a existir, no entanto, tem certa importância"[16].

[16] *Ibid.*, p. 467.

Ao ler bem Lacan, parece que ele não apenas reprova a orientação doutrinária de Bouvet ou a maneira como ele dirige esse tratamento, uma vez que parece apresentar o insucesso terapêutico, a persistência dos sintomas, como a prova da não justeza da direção conferida ao tratamento.

Na última aula do Seminário, Lacan retoma esse caso, para cercar, de maneira ainda mais precisa, a incidência da direção

do tratamento de Bouvet sobre a transformação da neurose de sua paciente.

> O analista muda o sentido do falo para sua paciente, torna-o legítimo para ela. Isso equivale mais ou menos a ensiná-la *a amar suas obsessões*. É isso mesmo que nos é dado como o saldo dessa terapêutica – as obsessões não diminuem, simplesmente a paciente não mais experimenta um sentimento de culpa em relação a elas. O resultado é operado por uma intervenção essencialmente centrada na trama das fantasias e na valorização delas como fantasias de rivalidade com o homem, rivalidade que supostamente transpõe sabe-se lá que agressividade referente à mãe, cuja raiz de modo algum é atingida.
>
> Desemboca-se nisto: em que a operação autorizadora do analista dissocia a trama das obsessões da demanda de morte fundamental. Ao operar assim, autoriza-se, legitima-se, enfim, a fantasia, e, como só se pode legitimar em bloco, o abandono da relação genital é consumado como tal. A partir do momento em que o sujeito aprende a *amar suas obsessões*, na medida em que elas é que estão investidas de plena significação do que lhe acontece, vemos desenvolver-se, no fim da observação, toda sorte de intuições extremamente exaltadoras.[17]

[17] *Ibid.*, p. 519 (grifos nossos).

É nesse ponto que Bouvet se junta a Balint, ou seja, que os efeitos subjetivos do *amor do sintoma* se revelam homogêneos àqueles da identificação com o analista. "Aí, encontramos, seguramente, o estilo de efusão narcísica cujo fenômeno houve quem valorizasse no fim das análises"[18].

[18] *Ibid.*, p. 519-520.

Nada surpreendente, portanto, que as duas concepções caiam igualmente sob o golpe da crítica de Lacan. Mas como passar do amor do sintoma e da identificação com o analista à identificação com o sintoma?

## 4

A identificação com o sintoma se destaca em sua oposição tanto à *paixão do sintoma* (ao *pathos* do sintoma, na entrada) quanto *ao amor do sintoma*, a que acabamos de nos referir. Sabe-se

que, em Freud, identificação e amor, identificação e escolha de objeto, são muitas vezes relacionados, sem jamais se confundirem. Lacan observa que:

> Os dois termos aparecem num grande número de casos como substituindo um ao outro com o mais desconcertante poder de metamorfose, de tal maneira que a própria transição não é captada.
>
> Existe, no entanto, uma necessidade evidente de se manter a distinção entre ambos, pois, como diz Freud, não é a mesma coisa estar do lado do objeto ou do lado do sujeito. O fato de um objeto se tornar objeto de escolha não é o mesmo de se tornar suporte da identificação do sujeito.[19]

[19] *Lacan. O Seminário – livro 4: A relação de objeto* (1956-1957/1995, p. 173).

Já estamos, pois, diante de um problema ou, em todo caso, de uma dificuldade. A identificação freudiana só admite, *grosso modo*, como suporte de sua operação a imagem, o significante (o traço) ou o objeto, e se situa, aliás, resolutamente do lado do ser – pela oposição ao amor que visa ao *ter*, a se apropriar do que não se é. Ora, de um lado, o sintoma não é, como tal, absolutamente nenhum dos três – imagem, traço, objeto; de outro, não se quer dizer, verdadeiramente, que o sujeito o *tenha* ou que o *seja*. Ele só tem o sintoma enquanto é seu portador, e ele só não o é no sentido em que, como significante, o representa e, como gozo, o divide.

Assim, que Lacan venha propor o sintoma como suporte da identificação do sujeito – suporte da identificação terminal do sujeito, deveríamos dizer – só tem sentido, se referido aos profundos remanejamentos que ele operou na doutrina analítica. O problema no ponto em que estamos é que esses remanejamentos da última parte do ensino de Jacques Lacan acontecem com tamanha velocidade que é praticamente impossível recenseá-los todos e, sobretudo, articulá-los entre si, extraindo as conseqüências que cabem. Apesar dessa precaução, apenas oratória, é possível, de todo modo, propor uma leitura dessa famosa "identificação com o sintoma" e das articulações que nos levam até ela.

Para esclarecer o final pela *identificação com o sintoma*, o ponto de partida indispensável nos parece ser o que evocamos logo no início deste artigo, isto é, a opção de Lacan de ir *além do inconsciente freudiano*. Não se trata mais simplesmente da famosa

frase espirituosa[20] da *Abertura da Seção Clínica* "o inconsciente portanto, não é de Freud, é preciso que eu o diga, ele é de Lacan"[21], nem mesmo que seu significante, o falasser, substitua o inconsciente, "saia daí que esse lugar é meu"[22], mas sim de introduzir "alguma coisa que vai além do inconsciente"[23].

Tendemos a escutar esse "além" no sentido de "para além", ou seja, incluindo o inconsciente freudiano, mesmo que aí seja preciso mobilizar uma topologia mais fina, a do simbólico aberto com o estatuto topológico do inconsciente como tal. As conseqüências doutrinárias dessa mudança de axioma, o falasser suportado pelo nó borromeano no lugar do inconsciente freudiano, evidentemente são enormes. Que nos seja permitido reter apenas aquelas necessárias para tentar avançar na compreensão da identificação com o sintoma.

Uma dessas conseqüências, e não a menor, é que a identificação com o sintoma não invalidaria ou anularia o que Lacan sustentou anteriormente sobre a "realização do complexo de castração", a "destituição subjetiva" ou a "travessia da fantasia". Essas referências guardam todo o seu interesse como momentos da experiência, mas parecem permanecer na dependência de uma doutrina da análise concebida como análise do inconsciente freudiano e de suas formações. Aliás, como conceber um tratamento analítico que levasse ao impasse sobre as identificações do sujeito ou que renunciasse ao deciframento do sintoma, à sua redução, à desvalorização do gozo que ele contém – levantando ou reduzindo sua dependência em relação ao supereu –, à ruptura de seu laço com o Outro que fizesse o significado desse Outro: s(A)?

Seria preciso, para pensar essa inclusão do inconsciente freudiano no falasser lacaniano, conceber um modo de articulação homólogo àquele que Lacan elaborou acerca dos dois tópicos freudianos, ao construir seu esquema L. Se essa hipótese e esse princípio de leitura são adotados, percebe-se que Lacan só pode falar da identificação com o sintoma porque o que ele diz do sintoma, assim como da identificação, vai além do que pode sustentar de um ponto de vista estritamente freudiano. Para tecer uma metáfora arquitetural, não se trata apenas de um andar acrescentado à construção freudiana; Lacan a refunda, a estende e a consolida.

## 5

Passemos agora às incidências doutrinárias da passagem para o além do inconsciente freudiano que são suscetíveis de nos esclarecer um pouco mais a questão em jogo.

[20] Evoluímos sobre esse ponto: há uma nítida diferença de fundo entre o inconsciente freudiano, tal como elaborado na *Traumdeutung* com base na idéia de um aparelho psíquico, e o inconsciente lacaniano, ou seja, o simbólico, o Outro. Cf. minhas contribuições ao Seminário da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – França *O inconsciente lacaniano*, a serem publicadas no suplemento ao n. 7 de *L'En-je lacanien*.

[21] Lacan. Ouverture de la Section Clinique (1977, p. 10).

[22] *Ibid.*, p. 10.

[23] Lacan. Joyce le symptôme II (1987, p. 32).

Pode-se dizer que essa passagem além do inconsciente freudiano é uma passagem além da neurose, encontrando aí a razão pela qual Lacan se deixa ensinar por Joyce e pela topologia borromeana, e faz da psicose um verdadeiro *laboratório da estrutura*. É, parece-nos, o acontecimento maior, e é esse acontecimento que o leva a construir ou a trazer à luz: a) uma nova teoria do sintoma; b) uma nova teoria da identificação, ou melhor, uma nova forma de identificação; e c) *in fine,* uma nova concepção do final de análise.

Sobre o sintoma isso é relativamente evidente. Não é necessário ser muito esperto para medir a distância que há entre o que Lacan dizia do sintoma no início de seu ensino e o que essa noção se torna em seu fim. No primeiro tempo, ou seja, antes dos seminários borromeanos, ele está muito próximo do sintoma freudiano, mesmo que existam importantes variações nos valores conceituais que ele lhe atribui: signo (no sentido saussureano) em *Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise*; significante, metáfora em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*; s(A) no *Seminário – livro 5: As formações do inconsciente*; signo (no sentido misto de significante e gozo) em *Radiofonia*. Digamos que sua dimensão de linguagem, de significante, de mensagem e, portanto, de demanda e de desejo permanece, apesar de tudo, dominante.

Com o sintoma como gozo, e então como real, e depois como função de nó, função de nominação, como parceiro, como "*mès pantes*", muda-se realmente de registro e de perspectiva. A isso se acrescenta uma extensão do sintoma, uma generalização tal, que seu conceito pode absorver uma parte do que ele focalizara anteriormente no objeto *a*: *uma mulher* ou o analista, notadamente. Aliás, por que uma mulher, para um homem, torna-se, para Lacan, o próprio paradigma do sintoma? O que Nora foi para Joyce não basta para fundá-lo e explicá-lo.

Talvez convenha situar a razão no fato de que o sintoma tem por função justamente suprir a impossibilidade de inscrever a relação sexual na estrutura. Porém há algo mais decisivo: uma mulher, não importa qual, a mulher escolhida, condensa para o homem uma imagem que sustenta seu narcisismo, um corpo por meio do qual ele pode gozar de seu inconsciente, de ser sua própria verdade, a sua ignorância exposta, a portadora de um saber que ele ignora em si mesmo, a parceira que o instala no laço social e o tira de seu celibato e da ética que lhe é relativa. Essa mulher é também aquela de que ele pode fazer qualquer coisa, uma mãe, por exemplo, e para quem ele se torne alguém. Sintoma, portanto, ela é, eminentemente, já que enoda e liga.

Compreende-se, assim, que não se pode conceber para o sintoma o mesmo destino em função da doutrina à luz da qual ele é enfocado. Tratando-se de identificação, a elaboração que Lacan lhe faz experimentar parece menos importante e menos sofisticada. É, quando muito, notável que, após ter dedicado todo um ano de seu seminário, Lacan retome esse conceito e renove os fundamentos topológicos. E não menos notável é que faça da identificação "o que se cristaliza em identidade". Atualmente, sabe-se que isso não é necessariamente uma boa nova! Mas não nos percamos.

Parece-nos importante ressaltar dois pontos em relação à problemática da identificação. O primeiro é que, apesar da passagem "além do inconsciente", a identificação permanece, aos olhos de Lacan, uma função necessária. Mesmo franqueado o plano da identificação, mesmo após ter produzido todos os $S_1$ que o determinavam, o sujeito necessariamente se *re-identifica*. Um fim de análise não pode ser concebido como uma *desidentificação* total do sujeito, o que quer dizer não apenas uma abolição de sua representação como sujeito do significante, mas também a ausência de toda forma de narcisismo secundário. O passo que Lacan dá e que o leva à identificação com o sintoma consiste em separar identificação e introjeção, identificação e incorporação, e, sobretudo, em introduzir uma forma de identificação que destaca o "reconhecer-se nele".

Por esse "reconhecer-se nele", Lacan indica, de certa forma, que essa identificação final com o sintoma não deve ser concebida como algo que se produziria fora da operação específica do discurso analítico. O sintoma partilha com outras formações do inconsciente o fato de que seu estatuto propriamente analítico, seu estatuto de formação analisável, tem a ver com o sujeito dever reconhecer-se nele.

Do mesmo modo que se reconheça ou que não se reconheça aí em um lapso indicado por um outro, e do mesmo modo que se reconheça ou não se reconheça aí em seu sintoma. À exceção de que, no sintoma, reconhece-se não somente algo de sua verdade, mas igualmente seu ser de gozo, residindo aí, de fato, sua consistência de sintoma e, sobretudo, sua possibilidade de poder servir como suporte de identificação para o sujeito.

Lacan parece considerar esse reconhecimento homólogo à reviravolta do toro, que deixa aparecer o "endo", fazendo-o passar para a superfície. A manipulação topológica seria uma aplicação desse "reconhecer-se nele". Nesses termos, essa reviravolta tórica evidenciaria que, atrás do "equívoco" (*une-bévue*) se esconde um saber cuja materialidade nova, que não é redutível

apenas à *palavralidade*[24], excede o que o homem acredita saber dele.

Lacan sustenta assim a idéia que o equívoco possuiria a propriedade de evidenciar, para o falasser, uma outra estrutura que não a do inconsciente freudiano, decorrente de uma topologia da esfera.

Isso leva a análise freudiana, diz Lacan, a uma *preferência em tudo dada ao inconsciente* de envelopar o imaginário e o real, advindo daí sua idéia de uma contra-psicanálise (que ele aproxima das retomadas de análise recomendadas por Freud aos analistas) para restaurar o nó borromeano em sua forma original[25].

O "reconhecer-se nele", portanto, é inicialmente a primeira identificação com o sintoma. Para um falasser, trata-se de reconhecer-se em seu sintoma, ou seja, no mais particular de seu gozo, não somente *en passant*, mas de reconhecer-se nele verdadeiramente ou, em todo caso, o bastante (*satis*) para consentir em fazer disso outra coisa que não um gozo parasita, encobridor e importuno.

Eis por que a identificação também é o que Lacan acrescenta logo após tê-la formulado: "identificar-se, identificar-se tomando suas garantias, uma espécie de distância, identificar-se com seu sintoma?"

De fato, é essencial notar aqui que Lacan fala de um "reconhecer-se nele" guardando suas distâncias. Faz questão, portanto, de um *reconhecimento-sutura*, de um "reconhecer-se nele" a ponto de perder-se nele, fechando definitivamente sua divisão constitutiva. Reconhecer-se nele demasiadamente conduziria, no melhor dos casos, à imbecilidade, e, no pior, ao fechamento autista no gozo do sintoma. Só um "reconhecer-se nele" o bastante, portanto, um reconhecimento/satisfação/distanciamento, é deixar o sujeito aberto aos sintomas dos outros, condição necessária, mas não suficiente para que o desejo eventual de acolhê-los e decifrá-los possa emergir. Não é o traço que distingue o analista do artista? Lacan dizia, muito claramente, que: "Joyce n'est pas um Saint. Il joyce trop de l'S.K. beau pour ça, il a de son art art-gueil jusqu'à plus soif"[26].

Voltemos à aula de 16 de novembro de 1976. Lacan prossegue:

> Propus que o sintoma pode ser o parceiro sexual. É na linha que eu proferi, sem escandalizar, a saber, que o sintoma, tomado nesse sentido, é o que se conhece e ainda o que se

[24] N. do T. No original "motérialité", neologismo em que se destaca um jogo de palavras entre *mot* (palavra) e *matérialité* (materialidade).

[25] As operações topológicas a que se alude aqui mereceriam, por si só, outro artigo. Lacan as apresenta de maneira relativamente acessível nas três primeiras lições do *Séminaire 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, de 1976-1977.

[26] Lacan. Joyce le symptôme II (1987, p. 32). Em razão dos equívocos na língua original, preferimos não traduzir essa citação.

> conhece melhor, o que não adianta muito. [...] Conhecer seu sintoma quer dizer saber com, saber desvencilhar-se dele, manipulá-lo. O que o homem sabe fazer com sua imagem corresponde, de algum modo, a isso e permite imaginar como a gente se desvencilha do sintoma. Trata-se, aqui, do narcisismo secundário, que é o narcisismo radical, estando excluído nesta ocasião o narcisismo que se chama primário. Saber haver-se com seu sintoma, é isso o fim da análise. É preciso reconhecer que isso é pouco. Na verdade, isso não vai muito longe.[27]

[27] Lacan. *Séminaire 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (Inédito, aula de 16 de novmebro de 1976).

Então, o que acrescentar aos já numerosos comentários dedicados a esse "saber fazer aí com o seu sintoma"?

A partir desse "saber fazer aí com", pode-se declinar diversas expressões ou termos, cujas conotações são, no mínimo, heterogêneas: fazer, saber-fazer, fazer com, saber, ou seja, a ação, a *techné*, o fatalismo e a resignação, a episteme.

A distinção correntemente ressaltada e admitida entre saber-fazer e saber fazer aí é indicada pelo próprio Lacan, ainda que ele utilize as duas locuções e as aproxime do "conhecer". Não se trata, portanto, de um fim pela aquisição de uma *techné* quando ele fala de saber fazer aí com seu sintoma, contrariamente ao que sugere o significante saber-fazer. O saber fazer aí, que comporta e articula o conhecimento, quer dizer, a intimidade, a distância e a manipulação, estaria do lado do uso, até mesmo do bom uso, do sintoma. Essa noção, portanto, acentua o valor de uso do sintoma, seu valor de gozo, em detrimento de seu valor de troca, de seu valor de laço com o Outro.

Nada surpreendente, desde que o paradigma aqui seja Joyce e, em particular, o de *Finnegans Wake*. É difícil não ressaltar, no entanto, o paradoxo quando se faz do sintoma joyciano – ou seja, de um sintoma fora do discurso analítico, não completado pelo analista como ser-de-saber, fechado ao artifício da análise – o modelo do que a análise pode produzir de melhor em seu fim. Depois de tudo, não se pode dizer que o saber fazer aí com o sintoma de Joyce é um saber fazer aí menos o saber? Arte, artifício e mesmo *poiesis*, mas sem a interrogação do saber que o determina. Por quê? Simplesmente em razão da recusa do inconsciente que está na base da posição subjetiva de Joyce.

Eis por que seria, sobretudo, sensato aproximar esse saber fazer aí com o sintoma, de que fala Lacan, de Métis, essa inteligência astuta dos gregos que combina aos fins práticos a

habilidade, a prudência, o saber-fazer, a sagacidade e mesmo o desembaraço. Essas novas considerações e perspectivas sobre o falasser, o sintoma e a identificação desembocam – além do fim dito terapêutico – em uma espécie de dupla concepção do fim: um fim pragmático e um fim didático, de formação. Certamente, não é novidade que Lacan diferencie assim uma análise terapêutica de uma "análise didática". Isso já está articulado com clareza no *Seminário – livro 17: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de 1964. Nas *Conferências e entrevistas nas universidades norte-americanas*, Lacan é muito mais preciso: "Uma análise não é para ser levada longe demais. Quando o analisante pensa que está feliz em viver, é o bastante"[28].

[28] Lacan. Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines (1976, p. 33).

Estamos diante de uma mudança e de um reordenamento de diferentes teses sobre o fim. Mas sabemos também que Lacan não fala aqui da análise da qual se espera que produza um psicanalista. Dessa análise da qual dependem apenas o prosseguimento e a renovação da experiência, cabe-nos perguntar se a identificação com o sintoma, entendida como saber fazer aí com seu sintoma, basta. Pensamos muito precisamente no que Lacan afirmou na aula de 10 de janeiro de 1978 de seu *Seminário: Momento de concluir*:

> A análise não consiste em que se seja liberado de seu sinthoma, já que é assim que escrevo sintoma. A análise consiste em que se saiba por que se está aperreado; isso se produz pelo fato de que há simbólico. O simbólico é a linguagem: aprende-se a falar e isso deixa traços. Isso deixa traços e conseqüências que nada mais são que o "sinthoma", consistindo a análise em se dar conta de por que temos esses "sinthomas", de tal maneira que a análise esteja ligada ao saber.[29]

[29] Lacan. *Seminário Momento de concluir* (1978) (Inédito, aula de 10 de janeiro de 1978).

***

Para concluir, diremos que a concepção de fim da análise que passa pela identificação com o sintoma pontua e recapitula quase todo o ensino de Lacan. Reside aí o movimento que o faz passar de um fim hegeliano, fundado sobre o universal da linguagem e do desejo – *fim pelo reconhecimento* –, para o gozo do mais singular, o gozo do sintoma reduzido a seu real que não é analisável, ou seja, o núcleo de particularidade irredutível do falasser. Esse movimento pode ser descrito igualmente como

aquele que vai de um *fim pela verdade* a um *fim pelo real*, o real da inexistência da relação sexual e o real que dela faz suplência: o *sinthoma*.

O que, todavia, nos parece que deve ser retido, para além das críticas recorrentes à identificação com o analista e o fim terapêutico, é que a identificação com o sintoma – uma vez que ela corresponde ao *saber fazer aí com o sintoma* – constitui tão-somente um aspecto da última doutrina lacaniana do fim da análise. Convém deixar lugar à riqueza e à complexidade dessa concepção, que apresenta, ao menos, três faces: o *saber fazer aí*, o *reconhecer-se nele* e o *saber por quê*. Saber fazer aí e reconhecer-se nele ressaltam a pragmática do fim. Isso não se confunde com o fim terapêutico, nem com a supressão do sintoma – Lacan o reivindicou, mas freqüentemente nos esquecemos disso[30] – ou com o fim epistêmico, que parece ser, para Lacan, o fim propriamente psicanalítico: *o saber por quê*.

Esta face, o *saber por quê,* lembra-nos aquilo sobre o que Lacan jamais cedeu, a saber, a dimensão epistêmica da psicanálise, a consideração de que ela é essencialmente uma "experiência de saber". Recolher esse *saber por quê,* esse *saber sobre a causa,* não é o que está em jogo no passe, para além de toda experiência de Escola?

TRADUÇÃO
Sonia Campos Magalhães
Denise Oliveira Lima

[30] Lacan. *Le Séminaire – livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964/1973, p.15-16).

## referências bibliográficas


APARICIO, Sol . Justesse et insuffisance de la fin selon Balint. *Le Mensuel, Bulletin Interne de l'Ecole de Psychanalyse des Foruns du Champ Lacanien*, Paris, n. 1, 2004.

BOUVET, Marcel. *Oeuvre psychanalytique.* Paris: Payot, 1968. Vol. 2.

FREUD, Sigmund. *Métapshycologie.* Paris: Gallimard, 1968.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 4: La relation d'objet* (1956-1957). Paris: Seuil, 1991.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 4: A relação de objeto* (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 5: Les formations de l'inconscient* (1957-1958). Paris: Seuil, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964). Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. (1976) Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines. *Scilicet*, Paris, n. 6/7, 1976.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977). Inédito.

LACAN, Jacques. (1977). Ouverture de la Section Clinique. *Ornicar?*, Paris, n. 9, avril, 1977.

LACAN, Jacques. Joyce le symptôme II. In: J. AUBERT (dir.). *Joyce avec Lacan.* Paris: Navarin, 1987.

resumo

Cada uma das etapas cumpridas por Jacques Lacan na sua leitura e, depois, em seu aprofundamento da doutrina psicanalítica se acompanha de uma redefinição das coordenadas do que sempre foi, a seus olhos, a questão crucial da psicanálise em intensão: o fim da análise e suas relações com o desejo do analista. O presente artigo se ocupa em situar, expor e interrogar a última doutrina de Lacan sobre o fim da análise, na qual se condensa o sintagma: identificação com o sintoma (*sinthoma*).

palavras-chave

fim da análise, identificação, sintoma, desejo de saber

abstract

In his program of work, Lacan has proposed to investigate the psychoanalytical doctrine and, in particular, a crucial question for each practitioner: the conditions of the end of the psychoanalysis in correlation with the desire of the analyst. This theoretical article presents and examines the last teaching of Lacan on the end of the analysis, which is condensed by the syntagm of "identification with the symptom".

key words

end of analysis, identification, symptom, desire of knowing

recebido
20/07/2006

aprovado
27/09/2006